

BULLYING E SEMIÓTICA: UM ESTUDO DOS ESTADOS DE ALMA DOS SUJEITOS

Marisa ADERALDO (UFMG-UECE)¹

Resumo: Neste artigo, a análise se fundamenta no nível narrativo do percurso da produção de sentido e explora o conceito de paixão (LARA e MATTE, 2009) para formular a hipótese de que o agente do *bullying* pode ser identificado por um perfil patêmico. O trabalho apontou para paixões como malevolência, em relação ao “bulizador”, e decepção, frustração e resignação em relação ao “bulizado”, paixões que serão identificadas intradiscursivamente nesta reflexão que problematiza o tema do **(des)empoderamento** da pessoa com deficiência e o *bullying*.

Palavras-chave: *bullying*, semiótica francesa, paixão.

*Querer é quase sempre poder:
o que é excessivamente raro é o querer.*
Alexandre Herculano (1810-1877)

INTRODUÇÃO

A semiótica inspirada na fenomenologia se distingue pela busca do sentido, sobretudo pelo parecer do sentido no texto, e estuda os mecanismos que o engendram para constituir um todo significativo. Para isso, procura descrever e explicar o que o texto diz, e também procura explicitar como ele faz para dizer o que diz, sendo necessário analisá-lo tanto no plano de conteúdo, como no plano de expressão (verbal, não-verbal ou sincrético).

No plano de conteúdo examinamos o percurso global que simula a produção de sentido, entendido como “percurso gerativo de sentido” (LARA e MATTE, 2009a, p.11), o qual comporta três níveis – o fundamental, o narrativo e o discursivo, que se entrecruzam em estruturas profundas, e mais abstratas, para chegar à manifestação, momento em que o plano de conteúdo se junta ao plano de expressão (verbal, não verbal ou sincrético) para constituir o texto, propriamente dito. O nível fundamental comporta as oposições de base (positivo vs. negativo); o nível narrativo é o nível actancial (das relações dos sujeitos com objetos ou entre sujeitos), e o nível discursivo comporta relações de pessoa, tempo e espaço.

¹ Doutoranda em Estudos de Tradução (POSLIN, UFMG). Professora de Literatura hispanoamericana (UECE).
Contato: marisaeuce@yahoo.com.br

Dado o escopo deste trabalho, abordaremos o plano de conteúdo e analisaremos um texto que aborda o tema do *bullying* (seção 1) a partir da sua estrutura narrativa, seguindo um modelo formado por actantes que, conforme os conceitos greimasianos, são aqueles sujeitos que tanto realizam como sofrem um ato, e partiremos da hipótese de que há um perfil patêmico que identifica o ator da ação de *bullying*, bem como sua vítima que, para a análise neste trabalho, é a pessoa com deficiência.

1. BULLYING E SEMIÓTICA

Na semiótica, só é considerado sujeito na narrativa, o actante que estiver modalizado, implícita ou explicitamente, por um /querer/ ou pelo /dever/ fazer alguma coisa. Existem quatro possibilidades de sujeitos: sujeito potencial, aquele que tem motivos para /querer/ ou /dever fazer/, mas ainda /não quer/, /não deve/; sujeito virtual, ou virtualizado, aquele que /quer/ ou /deve fazer/, mas ainda /não sabe/ /nem pode fazer/. O sujeito atualizado é aquele modalizado para o /querer/ ou /dever fazer/, /saber/ e /pode fazer/. Por fim, o sujeito realizado é aquele que já /fez/ (porque /quis/, /soube/ e /pode fazer/).

Depois de realizada a *performance*, o sujeito é sancionado, positiva ou negativamente. Essas quatro fases, modalização ou manipulação, competência, *performance* e sanção, são os programas narrativos que se encadeiam para formar os percursos, os quais compõem o esquema narrativo canônico. No nível narrativo, cada texto é composto por um ou mais programas que compreendem uma transformação de estado, sendo este uma relação de junção (conjunção ou disjunção) de um sujeito com um objeto, entendido como algo que é diretamente desejado pelo sujeito, ou que funciona como meio para ele obter o objeto desejado. (LARA e MATTE, idem, p. 25).

O tema deste trabalho é o *bullying*, cujos estudos remontam à década de 90 e envolvem, em geral, áreas da psicologia e afins. O *bullying* se manifesta normalmente pela linguagem verbal, como texto e discurso, razão pela qual estenderemos nossa reflexão amparando-nos na semiótica, de vez que seu objeto de estudo é identificar e explicitar o sentido do texto, e quais mecanismos contribuíram para a construção desse sentido.

O termo *bullying* não está lexicalizado em língua portuguesa. É um termo de origem inglesa e foi adotado em muitos países para definir o desejo “consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão”:

Bully pode ser traduzido como valentão, tirano, brigão. Como verbo, *bully*, significa tiranizar, amedrontar, brutalizar, oprimir e o substantivo *bullying* descreve o conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um

indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) **incapaz de se defender** (FANTE e PEDRA, 2008, p.33, grifos meus).

A realização desta análise se inscreve, inicialmente, como exercício em sala de aula para alunos de pós-graduação iniciantes em semiótica francesa², cujo fio condutor, proposto pela professora, foi a exploração, em termos semióticos, do tema *bullying*. Decidimos buscar uma explicação não ao **quê**, mas sim ao **como** ocorre a relação entre os sujeitos, e como afloram as paixões³ na esfera discursiva e intradiscursiva do *bullying*. É nosso desejo refletir sobre a hipótese de que há um perfil, um comportamento patêmico que identifica o bulizado⁴ e seu antípoda, o bulizador.

Há pouquíssimos dias da redação deste artigo, uma notícia de poucas linhas⁵ relatava o drama de uma jovem com deficiência visual que foi impedida de fazer o Exame Nacional do Nível Médio (ENEM), porque a coordenação do evento não lhe disponibilizou material em braile. Revoltada, a jovem se recusou a fazer o exame com a ajuda de alguém que ficasse cochichando o teor da prova, e decidiu tentar novamente o próximo ENEM, o que significa que seu sonho de ingressar na universidade foi adiado por, ao menos, um ano. As dificuldades das pessoas com deficiência nos motivaram a problematizar sobre certas formas mais sofisticadas de mecanismos de exclusão, como o *bullying*, talvez mais silencioso e, nem por isso, menos cruel e eficaz, conforme veremos na seção 2.2.2.

Em nosso pequeno estudo de caso, partimos de um depoimento de pessoa com deficiência visual que **já** conseguiu entrar na universidade, diferente, portanto, da jovem que sequer conseguiu fazer o ENEM.

O relato que nos foi encaminhado é real, não está publicizado, mas a fonte é de nossa inteira responsabilidade. Para evitar constrangimentos desnecessários, o nome foi modificado, e não são feitas menções referentes à época e local do ocorrido para preservar a identidade da informante.

² Referimo-nos à disciplina Semiótica e Tecnologia (LIG 942), semestre 2011.2, na Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da prof. Dra. Ana Fricke Matte.

³ Segundo Fontanille e Zilberg (2001) termo genérico para designar os estados de alma (apud FIORIN, 2007).

⁴ Tanto bulizador como bulizado são neologismos de nossa autoria.

⁵ Esta notícia do dia 22.10.2011 pode ser lida integralmente na página <http://wp.clicrbs.com.br/clicvestibular/2011/10/22/deficiente-visual-e-impedida-de-fazer-prova-do-enem-em-rio-grande/?topo=77,1,1,,77>

2. UM ESTUDO DE CASO

2.1 Relato

A - Você pode relatar um exemplo de *bullying* sofrido por você?

B - Bom, eu nunca tinha pensado em fazer faculdade, já tava (sic) bom sabendo ler e escrever em braille. Minha mãe nem me deixava sair muito e pra fazer faculdade tinha que fazer o vestibular muito concorrido, então deixei pra lá. Mas uma amiga da minha mãe disse que o governo tinha reservado vagas pra deficientes, uma história de cotas. Ela falou pra mim (sic) tentar, que não ia perder nada mesmo.

Então eu comecei a imaginar... será que eu posso entrar? Ela disse que com as cotas eu tinha alguma chance de entrar na faculdade, um parente dela também é cego, ele tinha conseguido [entrar] na Ciência da Computação. Então eu pensei "vou tentar a faculdade de Letras porque gosto de idiomas e quero aprender uma língua estrangeira."

Entrei na Faculdade em 2008, os professores eram bem legais comigo. Me davam a cópia dos materiais, mandavam os textos escaneados pra mim (sic) ler no Dosvox. Então nunca senti preconceito, nem esse *bullying*.

Mas tem um professor lá que é contra cotas. Pra todo tipo de gente. Ele é contra cotas pra deficiente e pros (sic) negros também. Ele passou o semestre todo me dizendo que eu não tinha nível pra acompanhar a turma. Me falava um montão. Ele falava que não tinha sido treinado na faculdade pra avaliar pessoas diferentes. E o que mais me doía era que ele dizia que não era justo me dar a nota que dava pros outros normais porque essa história de cotas misturava todo mundo.

No dia da apresentação no final do semestre ele me disse a mesma coisa, e que não ia me aprovar porque eu tinha muitos erros, falava e escrevia tudo errado.

Então fui reprovada. Aí minha mãe foi comigo na Ouvidoria da faculdade pra reclamar do professor, e o chefe disse que ele estava errado, que tinha que me dar outra chance, que aquilo era preconceito. Perguntou se o professor sabia que podia ser preso. E como eu contei que o professor me criticava durante todo o semestre, na frente dos colegas, o chefe disse que aquilo era pior ainda, que era um caso de *bullying* contra deficientes. A secretária me contou que ele tem um filho com *down* [síndrome de *down*].

Mas será que isso que eu tô (sic) contando é *bullying* mesmo? A gente ouviu falar em *bullying* por causa da televisão, dos assassinatos... , olha, eu fiquei tão envergonhada com a nota baixa e tão pra baixo que até abandonei a faculdade. (FIM DO RELATO)

Quadro 1: Depoimento de pessoa com deficiência visual.

2.2 Análise

2.2.1 Programas narrativos (PN)

Sabemos que, na semiótica, o ator (no nível discursivo) só será considerado sujeito (actante no nível narrativo) se for modalizado por um /querer/, /dever/, /poder/ ou /saber/ fazer, e as modalidades que potencializam o ator como sujeito podem ser o /aderir/ e o /crer/. O /querer/ e o /dever/ transformam o actante em sujeito virtual, quer dizer, aquele sujeito com intenção de realizar uma mudança, embora ainda não seja capaz de realizá-la. Para tornar-se capaz, transformando-se em sujeito atualizado precisa estar modalizado pelo /poder/ e pelo /saber/ (sem esse pressuposto não se atualiza, só se virtualiza).

No exemplo de Luna, o objeto modal sistema de cotas garantiu o /poder/ e o /saber fazer/ que lhe faltavam (e ela entrou na universidade, concluindo o PN1). Por outro lado, a modalidade do /crer/ revelou o estado passional de Luna: a crença e a adesão ao sistema de cotas permitiram a mudança de seu estado, anteriormente em disjunção, para um estado de conjunção, pois Luna tornou-se universitária e, portanto, passou a fazer parte de um novo espaço social. O sistema de cotas modalizou o sujeito ao /poder/ e /saber/ fazer, portanto, em PN1 temos um sujeito realizado ($S1 \wedge O$).

Mas o sujeito começou novo programa narrativo (PN2), desta vez com o desejo de passar de ano (objeto descritivo). O professor era o objeto modal que lhe permitiria alcançar o objeto de valor descritivo. Entretanto, o professor não desejou o mesmo que Luna, e converteu-se simultaneamente em antissujeito, valendo-se do poder de sancionar negativamente o sujeito Luna.

Até então, Luna era sujeito virtualizado, modalizado pelo /querer/, mas sabemos que o /querer/ e o /dever/ são suficientes **apenas** para transformar o actante em sujeito virtual, quer dizer, naquele sujeito com intenção de realizar uma mudança, embora ainda não tenha /poder e competência/ para realizá-la.

Para mostrar-se capaz, passando a ser sujeito atualizado, precisa estar modalizado pelo /poder/ e pelo /saber/ (sem esse pressuposto não se atualiza, só se virtualiza). A sanção negativa sobre sua *performance*, relativa a um /não saber fazer/, levou o sujeito a um estado disfórico, **estático** (PN2), com **resignação**, em disjunção com seu objeto descritivo “passar de ano” ($S1 \vee O$).

Nosso texto não nos informa se a ação do bulizador (professor) gerou uma resignação permanente no sujeito Luna, mas sabemos até então que Luna desistiu, “abandonou a faculdade”, pois se sentiu diminuída e naquele momento foi incapaz de reagir à malevolência do antissujeito: “a *resignação* seria a consciência da falta marcada pela duração, ou seja, o sujeito mantém-se em disjunção com o objeto sem nada fazer para obtê-lo, pelo menos até que algo interfira nesse estado”. (LARA e MATTE, idem, p.44, itálico no original).

Esses programas narrativos nos mostraram um percurso de geração de sentido relacionado ao *bullying*, onde primeiramente um sujeito virtualizado pelo /querer/, esperava ser modalizado de modo a /poder/ demonstrar seu /saber fazer/. O professor se transformou em antissujeito, movido por seu ódio ao sistemas de cotas para pessoas com deficiência, e aos cotistas, traduzido em uma paixão **malevolência**, demonstrada em várias

oportunidades (“ele passou o semestre todo...”), culminada por uma sanção negativa ao sujeito Luna, levando-o a um estado disfórico, o qual minou o sentimento de confiança dessa pessoa com deficiência e, conseqüentemente, gerou as paixões **frustração, decepção e resignação** (cf. Lara e Matte, idem, p. 43-44).

Na formulação de um campo semântico para as paixões, Fontanille e Zilberberg (2007 *apud* LARA e MATTE, 2009, p.59-60), explicam que paixão é diferente de emoção. Esta é perceptível, pois há um corpo que a suporta e enquanto não for vinculada especificamente a uma determinada paixão, ela pode ser descrita quantitativamente: “um tremor, um jeito, um descompasso de maior ou menor intensidade”. Por outro lado, a paixão pode ser nomeada: tristeza, alegria, desejo; a paixão é apreendida e reconhecida por um observador, o que vale dizer, portanto, que se inclui no âmbito cultural da afetividade e que cada sociedade interpreta a paixão conforme seu estágio de evolução.

2.2.2 Perfil do “bulizador” e do “bulizado”

Esta reflexão obviamente não é conclusiva, mas as ferramentas da semiótica francesa foram úteis para compreender como um discurso marcado pelo poder se organiza intradiscursivamente. Ao que tudo indica, os bulizadores ou *bullies* voltados às pessoas com deficiência têm um percurso narrativo típico da esfera do poder, o que poderá ser confirmado **futuramente em outras pesquisas**, a partir de outros depoimentos de pessoas com deficiência.

É provável que o bulizador seja movido pela necessidade de sentir-se superior e utilize estratégias discursivas e intradiscursivas para demonstrar seu poder, conforme vimos na definição de *bullying* na seção 1. Entretanto, em relação ao *bully*, vale lembrar que não ocorre apenas no âmbito da comunicação verbal, pois também está relacionado a constrangimentos físicos.

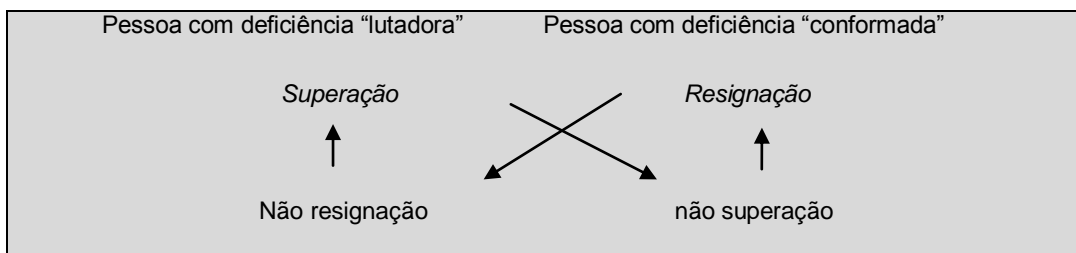
No caso do bulizador da pessoa com deficiência, diríamos que estamos diante de um destinador manipulador que objetiva levar o destinatário a um/~~querer~~/que tanto pode ter caráter provisório ou duradouro. Se provisório, entendemos que a paixão se nominaliza como frustração e decepção, e ainda há uma esperança de que este sujeito possa enfrentar novo programa narrativo, demonstre novamente seu querer, modalizando-se virtualmente para uma nova tentativa.

Mas pode ser também que a paixão frustração e decepção tenham um caráter duradouro e se transformem em resignação. Nesse caso, teremos um sujeito que desiste em função de uma crença: “não sou capaz”, “não consigo fazer”, movido por uma auto

sanção cognitiva /não sabe/, portanto, um percurso disforizante, com consequências na autoestima desse sujeito.

A ausência do querer (**abulia**) se aplica à falta de vontade de tentar superar(se). Nesse caso, sequer temos um sujeito potencializado. Sendo correto este raciocínio, o bulizado estaria condenado a não mudar seu estado ficando, portanto, desempoderado, na medida em que muitas vezes sequer está modalizado pelo /querer/ e não avançará, a menos que algo ocorra para voltar a modalizá-lo a um /querer/ superar o estado de resignação (LARA e MATTE, idem, p.44).

Em nível fundamental, a estrutura de base se coaduna com a estrutura narrativa, e nosso texto aponta coerentemente para esta oposição: ou a pessoa com deficiência se define por ser lutadora, ou se define por ser conformada com seu estado, resignada.



Nosso texto nos mostrou um sujeito resignado. Enquanto formulamos uma hipótese de que os bulizados podem redundar em sujeitos passivos e resignados (até que "algo ocorra para voltar a modalizá-lo" (idem, ibidem), os bulizadores são sujeitos ativos, que se convertem em sujeitos realizados a cada investida vitoriosa em relação às suas vítimas.

Quando comentávamos em linhas anteriores que a paixão é cultural, tínhamos em mente a triste situação das pessoas com deficiência ao longo de sua história. Se nos alegamos pelo fato de que o século XXI vem combatendo o preconceito social em relação à pessoa com deficiência, de igual modo nos preocupamos com a resistência individual de certos elementos, que evoluem do preconceito a uma deliberada prática individual, - ou de pequenos grupos, o *bullying*, que visa adentrar-se no estado da alma de sua vítima; e daí surgem as perguntas: o quê leva o bulizador a agir? por quê e como age?

Lamentavelmente, as denúncias na mídia incluindo vítimas de *bullying* entre pessoas com deficiência são bastante inferiores aos casos que são rotineiramente divulgados entre os jovens escolares, os quais geralmente associam a violência física à verbal. Entretanto, na prática parece não haver muitas diferenças entre o *bullying* praticado em ambiente escolar e o *bullying* praticado em relação às pessoas com deficiência, pois

esse fenômeno sempre ocorre dentro de relações desiguais de poder, que “compreende atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente” e que causam dor e angústia (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003 *apud* FANTE e PEDRA, 2008)..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gramani, amigo rabequista. Rabeca é um violino portador de deficiência. Há muito violino fino sem deficiência que só desafina. Nas mãos do Gramani uma rabeca feita de bambu gigante, deficiente toca Bach. Pois assim são as pessoas...

Rubem Alves

O comportamento milenar da sociedade sempre associou o diferente (gago, cego, surdo, dificuldade de mobilidade, dificuldade cognitiva) com a exclusão, inclusive através da sua eliminação (SANTIAGO, 2009, p.116). É muito recente a consciência da sociedade em relação aos diferentes, e a luta para incluí-los passa pelo **empoderamento**, conceito elaborado por Paulo Freire para falar da “conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física ou de qualquer outra natureza”. (VALOURA, 2005).

O antípoda do empoderamento é o desempoderamento. O **desempoderamento** está no presente caso associado ao *bullying* na medida em que pode provocar comportamentos de isolamento, falta de confiança e baixa autoestima. Enquanto o empoderamento visa enfraquecer esses sentimentos disfóricos, o desempoderamento atua como força contrária, reforçando esses mesmos comportamentos.

Outro dado interessante revelado pela fala de Luna e do ouvidor da universidade é a diferença sutil entre **preconceito** e **prática de bullying**. Enquanto o preconceito pode estar diluído na sociedade, e portanto sem ter um rosto especificamente, o *bullying* é corporeizado, identificado como uma prática individual (ou de pequenos grupos) de certa regularidade e de forte poder de persuasão, onde um destinador manipulador convence o destinatário da sua incompetência, ou da sua nulidade, através da abulia, inapetência, e todo comportamento que desemboque na nolição (/crer -não ser, crer-não poder, crer - não saber, não crer -ser, não crer -poder, não crer -saber, não crer –ser/).

Nosso exemplo serviu para demonstrar que o *bullying* é cruelmente eficaz em sua estratégia de retirar do sujeito o /querer/, que é condição *sine qua* para começar um processo de mudança, e que o bulizador seja aquele que tudo faz intencionalmente para

destituir o sujeito de seu papel actancial, nem que para isso seja necessário desprovê-lo de todas as modalizações, a começar pelo /querer/ (volição), conforme aponta a epígrafe desta reflexão.

Embora este relato possa ser interpretado por outras formas de leitura, seja do ponto de vista psicológico ou sociológico, haja vista o que pontuamos anteriormente (seção 1), acreditamos ter cumprido nossa expectativa em relação a corroborar a análise semiótica como **ferramenta replicável**, com a qual foi possível compreender o percurso da paixão subjetiva (“estados da alma”, FIORIN, 2007), e reforçar a hipótese de que há um perfil patêmico que identifica cada um dos sujeitos: malevolência, em relação ao professor (bulizador) e resignação, em relação à aluna (bulizado).

Importante ainda é salientar que a existência semiótica do sujeito passional é cultural e dinâmica, e perceber se um determinado modo de ser corresponde a um estilo normal, excessivo ou insuficiente, depende da cultura na qual ele se insere. É o caso do ponto de vista do sujeito passional que não concorda com o modo como a sociedade o percebe, pois para ele o seu proceder se insere na “justa medida”, e o problema está nos outros. Nossa esperança, em relação a esse sujeito passional, o bulizador, é que ele possa auto-moralizar-se, assumindo os novos valores da cultura moderna à qual pertence “para julgar seus atos como excessivos ou insuficientes” (LARA e MATTE, 2009b, p.10).

E, caso ele não se auto-moralize, temos outros caminhos na sociedade, inclusive a via legal e jurídica. Entretanto, até para se falar nesse assunto em uma perspectiva do Direito em sociedade, é preciso explicitar como se constrói o discurso e a prática do bulizador, razão pela qual acreditamos que estamos no caminho certo ao propor estudos mais aprofundados em relação à tipificação de seu “perfil”.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. *Concerto para corpo e alma*. Campinas: Papyrus, 1998.

FANTE, C.; PEDRA, J.A. *Bullying escolar*: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FIORIN, J.L. *Paixões, afetos, emoções e sentimentos*. Cadernos de Semiótica aplicada. Vol.5, n. 02, dezembro de 2007. Disponível <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/541> Acessado 18 nov. 2011.

LARA, G. M.P.; MATTE, A.C.F. *Ensaios de Semiótica*: aprendendo com o texto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LARA, G.M.P.; MATTE, A.C.F. *Um panorama da semiótica greimasiana*, 2009<
[http://www.letras.ufmg.br/arquivos/matte/artigos/artigoAlfa_Matte_Lara2009\[3\].pdf](http://www.letras.ufmg.br/arquivos/matte/artigos/artigoAlfa_Matte_Lara2009[3].pdf) >acessado em 15.nov.2011.

SANTIAGO, S.A.S. Exclusão e deficiência: primeiras aproximações teóricas. In: RICHARDSON, R.J. (org). *Exclusão, Inclusão e Diversidade*. João Pessoa: Ed.UFPB, 2009.

VALOURA, L. *Paulo Freire o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador*. Disponível
http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000120/Paulo_Freire_e_o_conceito_de_empoderamento.pdf. Acessado em 15.out.2011.